

## KEITA! O LEGADO DO GRIOT: CINEMA, LITERATURA E ORALIDADE NA REAPROPRIAÇÃO CULTURAL DO MALI

Lincoln Cunha Jr. \*  
Marlucia Mendes da Rocha \*

**Resumo:** a história da África e, por conseguinte do Mali, está imersa nas fontes orais. Nossa proposta, nesse trabalho, é analisar como a oralidade influencia a cultura e qual seu papel na configuração cultural a partir da literatura e do cinema africanos. Para tanto, propomo-nos iniciar nosso percurso a partir da influência e importância que a tradição oral exerce na construção histórico-social. Após tal abordagem, investigaremos a função exercida pela tradição oral no filme do cineasta Dani Kouyaté, do Burkina Faso, *Keita! O legado do griot*. Nosso objetivo geral, assim, é perceber a relação entre aspectos tradicionais da cultura oral e o filme citado, relação essa que pode caracterizar-se como promotora de uma reafirmação da expressão cultural e a necessidade de que os povos africanos sejam representados a partir de suas próprias experiências sócio-culturais e políticas.

Palavras-chave: cinema; escrita; oralidade; África.

### **KEITA! THE GRIOT'S LEGACY: CINEMA, LITERATURE AND ORAL ASPECT IN A CULTURAL REAPPROPIATION OF MALI**

**Abstract:** the history of Africa, and consequently Mali, is immersed in the oral sources. This work purpose is to analyze how the oral aspect influences the culture and what is its role in the cultural setting from the literature and African cinema. For this, we start our journey from the influence and importance of the oral tradition in the socio-historical construction. After that, we will investigate the role performed by oral tradition in the movie of the filmmaker Dani Kouyate, from Burkina Faso, *Keita! The legacy of the griot*. So, our overall aim is to understand the relationship between traditional aspects of oral culture and this movie. This relationship can be characterized such as a reaffirmation promoter of cultural expression and the need of the African people be represented from their own socio-cultural experiences and policie.<sup>1</sup>

**Keywords:** cinema; writing; orality; Africa.

De acordo com Ki-Zerbo (2010), Hama (2010), Vansina (2010) e Hampaté Bá (2010), a tradição oral se apresenta para vários povos africanos de maneira mais significativa e evidente do que outras fontes, tais como a escrita. Segundo Ki-Zerbo

---

\* Mestrando em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

\* Profa. Dra. em Comunicação pela e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Adjunta do Curso de Comunicação Social - Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da UESC.

<sup>1</sup> Tradução para o inglês: Núbia Nunes.

(2010), a tradição oral, as fontes escritas e a investigação arqueológica formam as três colunas que possibilitam o conhecimento da história. Em relação à investigação histórica, Ki-Zerbo (2010) afirma que as fontes escritas relacionadas à história africana estão dispersas e ainda hoje foram pouco estudadas. Tais documentos podem ser encontrados em bibliotecas da Europa, do Magreb,<sup>2</sup> em cidades da curva do Níger, bem como na Ásia e nas Américas. No entanto, é preciso que haja mais esforços por parte de um número maior de pesquisadores a fim de se debruçarem sobre essas fontes. Pelo fato da história da África sempre ter sido tratada como história marginal e de pouca importância, o autor afirma que muitos desses documentos ainda são inéditos.

No que se refere à arqueologia, inúmeras contribuições foram dadas à história e às culturas africanas. O silêncio dos objetos depõe significativamente sobre as civilizações mais antigas do continente, uma vez que uma das características intrínsecas da descoberta arqueológica é, justamente, ser objetiva. Ainda que, nessa prática de pesquisa, “apenas objetos-testemunho, enterrados com aqueles a quem testemunham, velam sob o pesado sudário de terra por um passado sem rosto e sem voz” (KI-ZERBO, 2010, p. XXXVIII), não se pode recusar a história que nos apresenta: mudanças climáticas, técnicas de produção de alimentos, arte, cultos religiosos, estruturas sociais, entre tantas outras.

A tradição oral africana, por sua vez, é colocada por Ki-Zerbo com a mesma relevância que têm as fontes escritas e arqueológicas, pois afirma que não se deve enumerar esses três pilares em ordem de importância. No entanto, no decorrer de seu texto, na introdução do primeiro volume da coleção *História Geral da África* (2010), ele deixa entrever que a tradição oral é a mais genuína e a que mais se aproxima da força que a memória e a ancestralidade realmente têm. Nesse sentido, é enquanto trajetória, autoafirmação, “lugar de memória” e de resistência que a tradição se faz presente e necessária na continuação e conservação da cultura, podendo caracterizar-se também enquanto aspecto descolonizador e emancipatório. Segundo Nora (1993, p. 9):

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] Porque é efetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas,

---

2 Grupo de países formado por Argélia, Marrocos e Tunísia.

censura. A memória instala a lembrança no sagrado, [...] emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem, que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada.

Conforme J. Vansina (2010), houve, no continente africano, em certos territórios, um destaque da linguagem oral sobre a linguagem escrita, como entre os povos mandingas, do antigo império do Mali. Porém, não podemos cair no erro de dizer que tais comunidades eram basicamente de tradição oral simplesmente pelo fato de não terem escrita, pois, certos povos, como os do Mali, valorizaram a oralidade em detrimento à linguagem escrita, fazendo com que a primeira se sobressaísse à segunda. Acreditavam, segundo o autor, que a palavra tem poder, aprisiona e também liberta; por isso, ela é tão importante no continente. A tradição traz de volta o passado e o atualiza. Na boca do ancião, passado e presente se fundem, fazendo com que o espectador/ouvinte sinta dentro de si a força de seus antepassados. A partir desses conceitos, é possível entender melhor, em tais culturas, o papel reservado ao *griot*, poeta e cantor que conserva e transmite a tradição oral dos antepassados, preservando a memória da gênese e edificação das sociedades às quais pertence. É o *griot* o guardião da memória, da tradição e da conservação do presente no passado e do passado no presente. Ki-Zerbo (2010) afirma que a causalidade presente nas narrativas orais da tradição não está direcionada apenas para um tempo passado, presente ou futuro, mas age na convergência de todos eles, na imbricação necessária entre um e outros, sendo, dessa maneira, “o passado sobre o presente e o presente sobre o futuro, não apenas pela interpretação das fontes e o peso dos acontecimentos passados, mas por uma irrupção direta que pode se exercer em todos os sentidos” (HAMA; KI-ZERBO, 2010, p. 24) Como afirma Pierre Nora, “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” (1993, p. 9).

A tradição oral teria sua força muito além da força da palavra escrita. Para vários povos da África subsaariana, ainda em conformidade com Ki-Zerbo, a palavra tem poder, pois tem as possibilidades de edificar e arruinar, trazer coisas boas ou coisas ruins. Por essa carga mágico-cultural, a tradição oral não se dá muito à tradução, pois a sua força e a força da voz que a pronúncia, ensina, recita e encanta jamais poderá ser apreendida em toda sua completude fora da tradição. “Desenraizada, ela perde sua seiva e sua autenticidade, pois a língua é a ‘morada do ser’. Aliás, muitos dos erros que são imputados à tradição são provenientes de intérpretes incompetentes ou inescrupulosos” (KI-ZERBO, 2010, p. XL). Fator que nos leva a crer que esse seja o motivo pelo qual as

tradições orais foram e ainda são muitas vezes relegadas a segundo ou terceiro plano, encaradas como uma forma marginal e pouco crível da história. Acreditamos que, para ser compreendida, ela precisa ser vista em seu contexto sociocultural, pois a desterritorialização da tradição provoca interpretações errôneas e/ou mal-intencionadas, desenvolvidas a partir de pesquisadores cujas sociedades se baseiam unicamente na escrita. Com isso, em suas análises, consideram apenas a tradição como mito ou brincadeira infantil, deixando de lado sua base pedagógica e sua ligação com a verdade histórica. Aspecto agravado ainda mais pelo fato de muitos desses pesquisadores acreditarem que os povos que não têm escrita desenvolvida não têm, por conseguinte, cultura.

Sendo, portanto, dotada de força, inclusive força sobrenatural-ritual, a palavra falada não pode ser perdida ou pronunciada de qualquer forma, fazendo-se necessário que a mensagem, por seu turno, seja passada num jogo entre o velar e o revelar. Por isso, “a palavra é envolvida por apologias, alusões, subentendidos e provérbios claro-escuros para as pessoas comuns, mas luminosos para aqueles que se encontram munidos das antenas da sabedoria” (KI-ZERBO, 2010, p. XL). No entanto, a tradição traz consigo, em seu conto épico, fragmentos do passado, o fio condutor e o alicerce da narrativa, onde se preserva a sabedoria e a memória dos ancestrais. “Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. Isso, pelo menos, é o que prevalece na maioria das civilizações africanas” (VANSINA, 2010, p. 140).

Pelo fato de a tradição oral indicar muito mais do que a vivência desse ou daquele povo, ela se caracterizaria enquanto uma fonte integral na qual se encontram os saberes, os costumes, as indicações morais, a forma de organização social convencionada, bem como práticas mágico-religiosas. Ela, contudo, além de revelar o conjunto desses valores nos quais as sociedades se baseiam, também é capaz de recriar a história. Tais aspectos dão originalidade à história africana, estando, portanto, pautados na esfera da experiência que revela uma dimensão épica e legítima da memória:

Indubitavelmente, a tradição oral é a fonte histórica mais íntima, mais suculenta e melhor nutrida pela seiva da autenticidade. ‘A boca do velho cheira mal’ – diz um provérbio africano – ‘mas ela profere coisas boas e salutares’. Por mais útil que seja, o que é escrito se congela e se desseca. A escrita decanta, disseca, esquematiza e petrifica: a letra mata. A tradição reveste de carne e de cores, irriga de sangue o esqueleto do passado. (KI-ZERBO, 2010, p. XXXIX)

Hama e Ki-Zerbo (2010) afirmam que o africano está imerso no mito enquanto construtor da história, no qual o tempo mítico é primordial para o desenvolvimento da vida. Vindo de tempos de “antes da história”, o mito traz consigo os elementos que estruturam as sociedades africanas. Com isso, a tradição conduz a história “fora do tempo” linear ou cronológico. Os períodos confundem-se e imbricam-se, sempre desembocando no social. Esse tempo ligado à tradição e por ela conservado, rege o desenrolar dinâmico e coletivo da história. Para a tradição, o mais forte e importante é o coletivo e não o indivíduo, uma vez que a narrativa jamais separa a personagem principal de seu clã, de seu povo e de sua terra. Deste modo,

Nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apóie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 167)

De acordo com Vansina (2010), há indivíduos especializados em cada tipo de narrativa. Esses especialistas podem ser, entre outros, genealogistas, pregadores religiosos e contadores de histórias engraçadas. O *griot* é um dos guardiões, um dos “Mestres da Palavra”, como diz Ki-zerbo (2010), destacando-se pela possibilidade de dar conta de várias espacialidades, de acordo com a necessidade da ocasião. A necessidade, então, da função do *griot* aproxima-se aos “homens-memória”, de Pierre Nora:

Quando a memória não está mais em todo lugar, ela não estaria em lugar nenhum se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar. Menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória. (NORA, p. 1993, p. 18)

No entanto, o *griot* se afasta dessa conceituação de “homens-memória” na medida em que sua formação não é solitária e esvaziada da vivência coletiva. Ao contrário, o ancião, para tornar-se *griot*, encarrega-se da memória coletiva a partir dos ensinamentos que recebe dos mais velhos e ocupará essa função por tradição familiar. Assim, se no Ocidente pode-se encontrar esses “homens-memória”, solitários pesquisadores e arqueólogos de uma memória já esvaziada, na África subsaariana pode-se encontrar sujeitos coletivos, encarregados de conservar a memória coletiva, a história e a cultura na qual estão inseridos.

As especialidades nas quais se dividem os vários grupos de narradores nos apontam algumas funções, ou intenções, da tradição. Servem, entre outras, para transmitir histórias de clãs e dinastias, para tratar de questões públicas e oficiais, para dar conta de questões religiosas e de culto e também para consolidar e ensinar sobre tradições familiares, mais particulares do que os clãs ou dinastias. É, mais um vez, a palavra falada tomando seu lugar de destaque em sociedades africanas:

O que se encontra por detrás do testemunho é o valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 168)

Observamos no fragmento acima a relevância que tem a transmissão oral da cultura, bem como o mérito daquele que foi iniciado na arte de narrar, pois a narrativa está repleta de bens e valores pelos quais as mais diversas sociedades se baseiam. Acreditamos não se tratar, em tal caso, de uma simples idealização da história, mas da conservação e continuidade dos aspectos socioculturais e religiosos construídos ao longo do tempo e que são tomados como verdadeiros e essenciais. Isto posto, quando o *griot* afirma que devemos observar o que fizeram os ancestrais, é porque eles, muitas vezes, tiveram a sabedoria de agir corretamente, de acordo a conduta moral de determinada sociedade ou para determinada situação. Por isso, servem de modelo aos seus descendentes.

Não quer dizer, com isso, que os povos que se desenvolveram sob essa tradição fiquem presos às experiências de um passado mítico ou glorioso, negando-se a encarar o presente. O tempo não é estático ou simplesmente cíclico, acredita-se que ele é dinâmico e, assim, “esta invocação [do passado] não significa o imobilismo e não contradiz a lei geral da acumulação das forças e do progresso” (HAMA; KI-ZERBO. 2010, p. 32). Por outro lado, também não podemos fechar os olhos para práticas socioculturais consideradas desumanas e que são rechaçadas, inclusive, por intelectuais e movimentos sociais africanos, como a prática da excisão e da consequente subalternização da mulher.

Nas palavras do *griot* Djeli Kuyatê, de acordo com Niane em *Sundjata ou a Epopéia Mandinga* (1982, p. 11), acerca da sua arte de narrar:

Sou *griot*. Meu nome é Djeli Mamadu Kuyatê, filho de Bintu Kuyatê e de Djeli Kedian Kuyatê, Mestre na arte de falar. Desde tempos imemoriais estão os Kuyatês a serviço dos príncipes Keita do

Mandinga: somos os sacos de palavras, somos o repositório que conserva segredos multisseculares. A Arte da Palavra não apresenta qualquer segredo para nós; sem nós, os nomes dos reis cairiam no esquecimento; nós somos a memória dos homens; através da palavra, damos vida aos fatos e façanhas dos reis perante as novas gerações.

Em seu livro, Niane (1982) nos apresenta a narrativa do *griot*, o conto épico, heroico, daquele que tornou-se grande e notável entre os povos do Mali, Sundjata Keita. Podemos considerar como um fator de estranhamento, uma epopeia, tão resguardada aos antigos gregos, ser contada por um negro africano e, ainda mais, sobre outro negro africano e seus povos.

Dando um passo adiante do conto épico, segundo nossa consideração, Dani Kouyate, autor do filme *Keita! O legado do griot* (1996), expõe a ideia de que a invocação do passado é a garantia de um presente forte, consciente, alicerçado sobre a base da ancestralidade que, por sua vez, possibilita um futuro no qual seja garantido o reconhecimento e a construção da identidade do indivíduo com seu grupo e consigo mesmo. Segundo Hama e Ki-Zerbo (2010, p. 33), “pode-se dizer que se a história é, em geral, justificação do passado, ela é também exortação do futuro”. A tradição oral, pois, tem esse viés moral, de ensinamento; por essa característica também as narrativas sobre povos, clãs e governantes são essenciais na educação e na conservação da cultura.

Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 169)

Assim, a tradição pode agir, como regulador social, ensinando a todos como atuar de forma moral, para que as forças do universo não sejam desequilibradas, uma vez que para os sujeitos pertencentes às religiões tradicionais, ou indígenas, africanas, “existe a ideia de que a ordem das forças cósmicas pode ser alterada por procedimentos imorais” (HAMA; KI-ZERBO. 2010, p. 33). Nas sociedades de tradição oral, os aspectos considerados fundamentais, sejam referentes à história oficial do grupo, dos clãs ou das famílias em particular, ou ainda referentes às normas morais e às funções de cada sujeito são ensinadas oralmente, esses e outros aspectos considerados importantes para que uma determinada sociedade se desenvolva, são transmitidos com atenção e empenho tendo, inclusive, grupos sociais especializados nessa transmissão e indivíduos

que são escolhidos, principalmente por tradição familiar, para que possam aprender. Além disso, essas vertentes, religião, política, estatutos morais, funções sociais, estão intimamente ligadas entre si, como uma teia composta de inúmeros fios, uns mais fortes que outros, mas todos com importâncias e funções similares para a estrutura das sociedades.

### **Narrativa oral, literária e cinematográfica em torno de Sundjata Keita e o império do Mali**

No território do Mali é muito importante a tradição oral, tanto que há escolas especializadas em transmitir oralmente a história, as experiências e a cultura locais (KI-ZERBO, 2010). Essas histórias e culturas que são transmitidas pela tradição fazem parte da construção local dos povos que habitam aquele território; não sendo, então, apenas fatos históricos vazios de experiências, de significados, mas sim a transmissão de algo muito mais forte do que apenas fatos, a transmissão do corpo cultural, filosófico e político que estão na base da formação cultural das sociedades. No seio da história melinense, deparamo-nos com Sundjata Keita, o fundador do antigo Império do Mali. Sundjata é a figura histórica principal no filme *Keita!...*, baseado na narrativa de Niane, *SuIndjataou a Epopéia Mandinga* (1982). Niane, na introdução da obra, afirma que toda a história foi narrada por um *griot* da Guiné, a quem ele deve tudo o que aprendeu sobre o povo malinke, do antigo Império do Mali.

O reino do Manden ou Mande (Mandinga), o qual reunia os territórios maninka, localizava-se na região do Níger. O clã dos Keita, que fazia parte desse grupo, entre os séculos XI e XII unificou todos os pequenos reinos da região do alto Níger. De acordo com a explicação de Djibril Tamsir Niane (2010, p. 146):

O berço dos Keita é a região montanhosa do Manden, em torno das cidades de Dakadiala, Narena e Kiri. Ainda hoje, uma província da região de Siguiri (Guiné) tem o nome de Kende (Manden). Mali é uma alteração da palavra Manden, que se processou entre os Fulbe; Mellit é a variante berbere.

Sundjata foi o 17º rei no trono do Manden, ainda consoante a Niane (2010), chegando a ele após a fuga de seu irmão Dankaran Tuman, então *mansa* (chefe supremo) do Manden. Dankaran dobrou-se ao poder de Sumaoro Kante, líder do clã dos Sossoe (ou Sosso), o qual dominou os territórios do império de Gana, após seu declínio.

Então, com medo de enfrentar Kante, Dankaran foge, abandonando o trono. Nessa ocasião, os povos do Mandem foram à procura de Sundjata, que vivia no exílio, por causa da perseguição que sofria Tuman. Com a batalha e a vitória de Sundjata contra Sumaoro Kante, o Keita foi empossado *mansa*, em 1235, fundando em pouco tempo o grande e poderoso império do Mali. Abaixo, o mapa das terras do Mandem antes das investidas expansionistas de Sundjata Keita.

Segundo a tradição oral apresentada por Niane (2010), o governo de Sundjata foi justo e próspero, sendo responsável inclusive pela implantação da constituição do Império do Mali. Sua importância foi tão grande que, de acordo com o autor, foi responsável pela “codificação dos costumes e interditos que ainda hoje regem, de um lado, as relações entre os clãs Mandinka e, de outro, as relações destes com os demais clãs da África ocidental” (NIANE, 2010, p. 151).

Niane (2010) afirma o quanto Keita foi fundamental para o surgimento do antigo Império do Mali, bem como para o desenvolvimento histórico e cultural de seu povo. Em seu reinado, as tradições dos grupos conquistados foram respeitadas, mantendo, muitas vezes, os chefes tradicionais em seus postos. Com isso, ele conseguia que o reino permanecesse unido, sem muitos problemas ou rebeliões contra seu governo. Dessa forma,

O caráter flexível de sua administração fazia com que o império se assemelhasse mais a uma federação de reinos ou províncias do que a uma organização unitária. Por outro lado, a existência de guarnições mandenka nas principais regiões garantia a segurança, ao mesmo tempo que servia como força de dissuasão. (NIANE, 2010, p. 153)

Ainda de acordo com Niane (2010), o império expandiu-se a partir das terras Mande, indo em direção ao oceano Atlântico até a Senegâmbia e, ao sul, atingindo a terra dos haussa. No século XIV, o Reino do Mali teve seu apogeu, entrando em declínio a partir do século seguinte, com o enfraquecimento do poder central e a ascensão dos Songhai. Após algumas crises de sucessão, o poder central foi perdendo força e, com isso, ficando suscetível a ataques por parte dos povos tauregues e outros grupos berberes. Além das invasões a leste e também a oeste, as incursões portuguesas naquele território, de igual maneira, começaram a abalar o império, pois passaram a influenciar nos problemas locais, dando proteção e possibilitando que os reinos menores se tornassem independentes do Mali.

Os feitos de Sundjata Keita e o êxito de sua administração fizeram dele um grande personagem da história africana. Protagonista de várias narrativas e tradições, é o fio condutor de *Keita!...*, o qual nos leva a refletir acerca das possibilidades de ressignificar a educação com base na identificação cultural dos povos marginalizados, guiando-nos pelas divergências culturais existentes entre o Mali e o colonizador europeu, bem como a imposição político-cultural aos povos daquele território. No filme, portanto, a história é constituída por um forte fator mágico-espiritual, o qual, segundo nossa interpretação a partir dos historiados citados nesse trabalho, pode ter influenciado diretamente no desenvolvimento daquela sociedade. Keita seria, para essa tradição, o filho do búfalo e do leão, aquele cujo nascimento fora anunciado pelo oráculo sagrado, o filho esperado que seria um grande *mansa*, um grande conquistador.

Na trama do filme, o jovem Mabo Keita está em casa, em Burquina Faso, lendo um livro escolar, quando vê aproximar-se um velho homem. É o *griot*, que lhe anuncia sua missão: ensinar Mabo a respeito de sua própria história, seu passado. Como, em consequência disso, seu interesse pela escola diminui, inicia uma controvérsia familiar entre o pai de Mabo, favorável à presença do *griot* que também o instruíra quando criança, e a mãe, preocupada com a situação de Mabo na escola. O conflito, figurado na oposição entre livro escolar nas mãos de Mabo e a visita do velho orador, representa o confronto entre modernidade e tradição.

Voltando-nos à questão da tradição oral e à história de Sundjata Keita percebemos que, se por um lado, no citado volume da coleção editada pela UNESCO, *História Geral da África*, os historiadores envolvidos no projeto valorizaram a tradição oral naquilo que dela poderiam extrair de verdadeiro em relação à história, por outro, essa mesma tradição oral, voltada para os acontecimentos que justificam a cultura, a história e a política social, se vale da narrativa mítica para endossar as práticas sociais, as tradições religiosas e políticas, a força e importância dos clãs e de determinados indivíduos desse ou daquele grupo ou família. O valor da palavra, estaria, nesse contexto, acima da coerência da narrativa, do percurso do tempo dentro de uma mesma história, da fidelidade aos fatos tal qual aconteceram. O que mais importa, nesse caso, seria a autoridade dos “Mestres da Palavra” e sua relação com o poder que emana da palavra.

No filme de Kouyaté, a vida de Sundjata Keita é cheia de dificuldades e superações, de acontecimentos sobrenaturais e traições. Sua avó materna, conforme encontramos tanto em Niane (1982), quanto em *Keita!...*, era um búfalo que

atormentava as aldeias e cidades do reino de Do, matando uma pessoa por dia. Vários caçadores haviam tentado matá-lo, porém, nenhum deles teve êxito. Ou eram mortos pelo animal ou saíam gravemente feridos. Djeliba, o *griot* responsável pela educação no clã dos Keita, narra o encontro entre o búfalo e os dois irmãos caçadores que percorriam as terras do reino, impelidos pela vontade de matar a fera. Em certo momento de sua busca, quando já cansados, aproximam-se de um rio e avistam uma mulher a lavar roupas. Um deles havia sido avisado por uma pomba que apenas uma determinada mulher poderia ajudá-los e que, no momento em que eles a encontrassem, a pomba cantaria para avisá-los que era a mulher que procuravam. Então, assim que avistam aquela mulher, a pomba canta. Eles aproximam perguntam se podem ajudá-la. A mulher responde que não quer nada com eles, e recolhendo à cabeça a roupa que lavava, senta-se à sombra de uma frondosa árvore.

Os irmãos se interrogam sobre qual decisão tomar diante da negativa da estranha senhora. Decidem, pois, segui-la, apesar de aparentar não querer conversa ou aproximação com eles. Naquele momento, eles afastam-se da margem do rio e vão ao encontro dela, iniciando um breve diálogo, chamando-a de mãe e oferecendo-lhe um pedaço de carne seca, o qual é puxado de forma rude por ela, que começa a comer sem, no entanto, agradecer-lhes. Oferecem também bebida e um pouco de fumo. Após receber todos os agrados, ela se adianta às perguntas dos caçadores dizendo que eles estavam lá para matar o búfalo, mas que ninguém poderia fazê-lo porque ela, Do-Kamissa, era o búfalo. Ao ver o medo dos irmãos, a mulher pede que fiquem calmos e a escutem:

– Muitos caçadores falharam, matei diversos e feri 77 deles. Mas tudo tem um fim, minha hora chegou. Entrego-me a vocês, mas com uma única condição: quando tiverem matado o búfalo, meu sobrinho Do-Samo virá recompensá-los; digam a ele que querem uma mulher e ele lhes trará as moças e mulheres livres e vocês escolherão uma: a mais feia. É minha filha de criação, chama-se Sogolon, que dará a luz a um filho que dominará toda a savana. (KOUYATE, 1994)

Virando-se ao irmão mais novo entre os dois caçadores, Do-Kamissa afirma que ele é o mais corajoso e lhe explica como deverão proceder para matá-la:

– Atrás do grande arbusto há uma roca, uma pedra e um ovo, vocês devem pagar essas coisas assim que estivermos frente a frente. Encare-me três vezes, meu corpo tremerá e eu os perseguirei. Jogue, uma por uma, cada coisa para trás. Agora, dêem-me sua palavra.  
– Damos nossa palavra, respondem.

– Então vão, meus filhos, que Deus vos proteja. (KOUYATE, 1994)

Os irmãos fazem tal qual explicado pela mulher-búfalo e conseguem matá-la. Fazendo como prometeram, vão até Do-Samo informá-lo da morte do búfalo e levam Sogolon como recompensa. Como a mulher-búfalo havia dito que de sua filha nasceria aquele que iria dominar toda a savana, eles tentaram possuí-la, mas a moça se rebelou e eles, então, levam-na ao *mansa* dos mandinga, Nare Maghan.

Maghan havia sido avisado por um caçador, iniciado nos cultos tradicionais, que seria oferecida a ele uma jovem, terrivelmente feia, mas que daria a luz ao seu sucessor, o qual tornar-se-ia um grande *mansa*. O filho primogênito do rei, com isso, não seria aquele que herdaria o trono. O soberano ficara atordoado com a fala do caçador, mas respeitara e acreditara em sua capacidade de conversar com os espíritos e divinar sobre o futuro. A espera foi grande, mas logo outros dois caçadores entraram na cidade acompanhados por Sogolon Kedju, no intuito de entregarem-na a Nare Maghan. De sua união com Sogolon nasce Sundjata Keita, o futuro fundador do antigo império do Mali.

O encontro entre mulher-búfalo e caçadores, na narrativa publicada por Niane (1982), apresenta-se diferente da do filme, porém, tem o mesmo desfecho. Os caçadores, presenteando Nare Maghan com Sogolon, explicam-lhe como tinham matado o animal:

O rei Do Mansa Nhemou Diarra, havia prometido as mais belas recompensas ao caçador que matasse o búfalo. Decidimos, pois, tentar a sorte e foi assim que penetramos no país de Do. Como olhar vigilante, avançamos com precaução, quando percebemos uma velha mulher junto a um riacho; ela chorava, lamentava-se, atormentada pela fome; nenhum transeunte se dignara até então deter-se junto a ela. Ela rogou-nos, em nome do Todo-Poderoso, que lhe déssemos algo para comer; movido por seus prantos, aproximei-me e tirei do meu alforje alguns pedaços de carna salgada. Depois de comer, ela me disse:

– Caçador, que Deus te pague pela esmola que me deste. (NIANE, 1982, p. 21)

Enquanto em Niane (1982) os caçadores encontraram a mulher-búfalo abatida, sofrendo de fome, em *Keita!...*, por sua vez, ela é retratada de maneira altiva, rude, selvagem, mas sem choro ou pedidos de clemência. Parece-nos, com isso, que o *griot* Djeliba, ao invés de nos apresentar a fragilidade daquela mulher, expõe sua força vital e mágica, além da necessidade de garantir que o destino de sua filha de criação se cumprisse. Como já não fazia parte do reino, Sogolon tinha um futuro de provável abandono.

Nas palavras do *griot*, Sundjata Keita tem descendência especial, mágica. Apenas dessa forma ele seria capaz de conquistar tantos territórios e levar seu nome tão longe. O espírito do búfalo e do leão fizeram de Keita um grande *mansa*. Ao nascer, segundo as narrativas de Niane (1982) e de *Keita!...*, uma forte chuva sobreveio à região e um raio cortou o céu, iluminando-o, assim que o pequeno Keita chegou ao mundo. A primeira esposa do *mansa* Nare Maghan encheu-se de inveja, pois temia que o filho de Sogolon depusesse do trono seu primogênito. Assim, ela tentou que feiticeiros pusessem fim à indesejada gestação, porém não tiveram êxito. A filha do búfalo estava protegida por três mochos, uma espécie de coruja, que pousaram sobre o telhado da casa de Sogolon (NIANE, 1982).

Após o anúncio do nascimento ao rei, Nhankuman Dua, seu fiel amigo, o saúda, chamando Sundjata de “o menino-leão, o menino-búfalo” (NIANE, 1982, p. 30), fazendo referência aos totens protetores de Maghan e de Sologon. Sundjata havia nascido sob os auspícios dos céus, os espíritos o protegiam e o tornaria o grande *mansa*, o conquistador fundador do império do Mali. No filme de Kouyaté, a narrativa se aproxima do livro de Niane, também apresentando Keita como descendente de uma linhagem nobre e mágica ou divina.

O filme conta, em seu elenco, com Sotigui Kouyaté, interpretando Djeliba Kouyate; Seydou Boro no papel de Sundjata Keita; Hamed Dicko no papel de Mabo, Blandine Yaméogo como Sogolon e grande elenco. Na trama, ao chegar à cidade a fim de iniciar um jovem na tradição, o *griot* Djéliba, depara-se com as dificuldades e (im)possibilidades de levar a cabo sua missão. A resistência por parte da mãe do jovem e também do professor da escola regular fará com que percebamos as diferenças entre a tradição baseada na narrativa do *griot* naquela comunidade do Mali e os ensinamentos escolares. Essa discussão nos leva à relação tensa entre tradição e modernidade, mesmo após a descolonização europeia.

Em relação à narrativa fílmica, o que está em questão, além da história de Sundjata Keita, segundo nosso entendimento, é a possibilidade de resistir às imposições sócio-culturais dos europeus sobre os africanos e, por conseguinte, sua diáspora. Muito mais do que um mito fundador ou uma história inventada, como alguns poderão considerar, nos é apresentado na narrativa central a persistente colonização pós-independências, a colonização das mentes, que, da forma apresentada no enredo, leva-nos a crer que afastou diversos grupos de suas tradições culturais e de pensamento.

Consoante Ngugi Wa Thiong’o (2007, p. 31), e aproximando sua afirmativa também ao campo da literatura, afirma que “a arte cinematográfica tem o dever de desmascarar a descolonização parcial da maioria dos estados na África”. Ainda que possamos discordar do tom de imposição que sua afirmativa possa conter, concordamos com as possibilidades da aplicação das artes no campo político e de engajamento social que, no caso específico analisado por nós, combate a invisibilidade histórica, a inferiorização cultural e a pretensiosa concepção da inexistência de conhecimentos epistemológicos nas diversas culturas africanas. O *griot* Djeliba, de *Keita!...*, posiciona-se contra o conhecimento oficial ensinado nas escolas formais no Mali, imposto pela autoridade colonial e que persiste mesmo depois da independência.

A representação do africano, continental e/ou diaspórico, não deve mais ser aquele que está presente de maneira muito forte nas artes ocidentais do século XX, qual seja: a de um povo atrasado, sem cultura, sem história, sem capacidade de oferecer algo além de sua “maneira tribal de ser”. Essa representação precisa ser construída, como nos adverte Djeliba, com base na própria cultura dos povos africanos, em sua história, em suas construções epistemológicas e sua ânsia de serem respeitados e, ainda mais, agentes de sua própria história. Assim, no intuito de avançar em direção à libertação social, seria imprescindível que esse avanço tivesse *pari passu* à descolonização epistemológica ou, aproximando-nos a Thiong’o (2007), à descolonização das mentes. Nesse sentido, o cinema e a literatura configuram-se como aliados para a quebra dos estereótipos construídos e impostos sobre a África.

## Referências

HAMPATÉ BÂ, A.. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.

HAMA, Boubou; KI-ZERBO, J. Lugar da história na sociedade africana. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 23-36.

KI-ZERBO, Joseph. Introdução Geral. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010. p. XXXI-LVII.

NIANE, D. T. O Mali e a segunda expansão Manden. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **História Geral da África IV: África do século XII ao XVI**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 133-192.

NIANE, D. T. **Sundjata ou A Epopéia Mandinga**. Trad. Oswaldo Biato. São Paulo: Ática, 1982.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História**, no. 10, p. 7- 28, dez. 1993.

THIONG'O, Ngugi Wa. A descolonização da mente é um pré-requisito para a prática criativa do cinema africano?. In: MELEIRO, A. (Org.). **Cinema no mundo: indústria, política e mercado**. São Paulo: Escrituras, 2007. p. 25-34.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 139-166.